

O trabalho feito por P. Aulagnier em *A violência da interpretação* deu nome e certidão para algo, até então, inominado: o processo originário, como um dos modos de funcionamento do aparelho psíquico. Ele registra, no psiquismo, os sinais da ordem das vivências sensoriais corporais inaugurais, fragmentárias, atemporais e inescrutáveis. Pode-se dizer que se trata de um "tempo antes do eu", ponto de partida da organização libidinal do ser humano, e que os sinais desta proto-história do eu são emitidos / captados, em toda sua intensidade, na experiência psicótica que consiste na louca procura por fixar o ponto de partida.

Conceituar o processo originário, ponto zero de uma autobiografia libidinal que qualquer eu escreve, foi uma descoberta em psicanálise. Hoje consolidada como um saber sobre um modo de compreender a constituição do sujeito, seus efeitos irão prolongar-se por bastante tempo.

Em *O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro*, ela aprofunda sua descoberta, focando-a do ângulo do eu, considerado um aprendiz em contar a história que fez. Aprendiz que narra sua autobiografia de comandante nas conquistas e defesas de um espaço (psíquico) também cobigado tanto por um exército estrangeiro quanto por ancestrais internos, mestres-feiticeiros, repetidores de uma história sem palavras. Do ângulo do eu, Aulagnier enquadra as cenas da narrativa, dirigindo a montagem da história através das conjunções enfrentadas na lista em devir sujeito, da panorâmica do que é "já-existente" compondo terreno de guerra, das constelações identificatórias utilizadas nas batalhas, das alianças feitas com fornecedores de munição, das táticas de Eros para colocar Tãntos a serviço do sucesso da disputa. É a saga de um comandante-historiador, demandante de objetos que podem satisfazer seus desejos inconscientes e a cronologia de sua relação com esses objetos, vista pela potente lente de enxergar como se constitui e como funciona psicologicamente o sujeito.

Acontece que várias passagens desta narrativa se compõem de "vívidos-esquecidos" da história infantil para os quais o historiador-adulto inventa uma passagem substituta, conservando a sensação de conexão temporal. Estas passagens onde a versão autobiográfica falha só podem ser esclarecidas ao serem cotejadas pela versão universal da história infantil

Ontogênese do desejo: psicose e história

O aprendiz de historiador e mestre-feiticeiro, Piera Aulagnier, Ed. Escuta.

constituente do saber do analista-historiador. Desta interessante perspectiva, a autora fala de uma história compartilhada, construída no interior da relação analítica. Particularmente, na psicose proibiu-se ao narrador aprender a narrar sobre si, proibiu-se contar a própria história.

A experiência analítica é o eixo dado para todo o livro: relatos clínicos, percurso ainda raro nas publicações psicanalíticas e, também por isso, bem-vindo. A exposição da prática clínica desperta vários pensamentos. Coloco alguns deles, renunciando assim à abordagem do livro no seu conjunto.

Primeiro, surpreende a relação compartimentada entre analista e instituição. Aulagnier descreve um caso clínico que se inicia numa instituição psiquiátrica e que só pode progredir no consultório psicanalítico, enquadre que tornaria possível a interpretação. As impossibilidades de realizar um trabalho psicanalítico na instituição dizem respeito, de modo geral, para a autora, à invasão que representa a entrada de qualquer componente institucional no interior da relação analítica. Para ela, colocar-se como ouvinte privilegiado, sustentando imagens projetadas pelo paciente, exige desfazer-se de qualquer outro lugar no âmbito do serviço hospitalar; a comunicação de fantasias e desejos do paciente "não são para serem feitas publicamente" no meio institucional, e o sigilo deve manter-se em relação ao resto da equipe.

Eu percebo, na descrição da autora, uma claudicante associação entre o "trabalho analítico no sentido clássico" e uma instituição psiquiátrica clássica. Há uma desarticulação que pode ser fruto da cristalização dos espaços na instituição asilar e das limitações impostas pela mesma a uma concepção integradora do trabalho, entre os profissionais e entre os pacientes. Penso que as impossibilidades relatadas no livro se tornam questionáveis ao serem confrontadas com alguns trabalhos baseados na grupalidade, com uma equipe que pensa psicanaliticamente a grupalidade. Nesta última concep-

ção a transferência deixa de dar-se apenas entre dois sujeitos, sendo pluralizada, multiplicando o campo de Diferença; o projetado pelo paciente deixa o espaço de sua relação com um outro sujeito para estender-se ao espaço institucional, com a possibilidade de inclusão de diversas pessoas. São condições significativas para o trabalho de construção histórica com o psicótico.

Mais adiante no livro, surpreende agradavelmente uma valiosa formulação do que pode acontecer numa família gestando um sujeito, e que corresponde em diversos aspectos ao que encontro no trabalho cotidiano. Num tratamento, pesquisa a história do começo do sujeito, composta pelo eu, através de investimentos/desinvestimentos desejantes e ofertas/não-ofertas de enunciados identificatórios da parte dos pais. As impossibilidades dos pais em investir minimamente no filho, para que este conecte desejo e tempo e torne-se desejante (uma "ontogênese do desejo"), às vezes mobiliza em mim, e certamente em muitos analistas, intensa raiva. Experimento esse sentimento no contato com famílias de pacientes psicóticos e associo-o à violentação a que se submetem os membros destas famílias entre si, uma "intra-violação" sempre presente, que é um dos poucos conteúdos que circulam nestas famílias. É pertinente a hipótese levantada por Aulagnier de um desejo assassino dos pais em relação ao filho, causando neste as consequências devastadoras de ser o transgressor de um pacto de não-dar-vida a ninguém, feito pelos pais com a própria pulção de morte. Os pais executam um permanente trabalho de desconstrução da história que se inaugura, de silenciamento, e mantêm o filho na atemporalidade, sem ponto de origem para fixar o início de sua narrativa autobiográfica. É uma hipótese que instrumenta o psicanalista na compreensão do que está em jogo na psicose.

Quando se trata de psicóticos, diria que me encontro com um sujeito que teve seu corpo usurpado, sempre cumprindo uma função complementar que vá satisfazer um outro corpo. Conheço um corpo sem proprietário, sempre conformado ao exterior que lhe faz assédio, e que se dilacera a cada relação, permanecendo fragmentado e inconquistado. Encontro um sujeito que se sente sem direito à vida e que teve confiscada a memória de sua história; herdou uma história de silenciamento da infância, sem relação causal com sua história presente. Conheço um corpo que é, ao mesmo tempo, fruto do desinvestimento dos pais na construção de um ser e defesa que esconde o desejo de morte dos pais. As minhas lembranças no contato com o psicótico são as da sua concretude corporal, as imagens são sensoriais, pois não foi legado ao psicótico esse "antes do eu", bem herdável dos pais, onde apoiaria sua palavra de partida para falar de sua autobiografia.

Por estas formações do psicótico, penso que o lugar do analista, e de qualquer terapeuta, na relação com ele, é o de alguém que está implicado, aberto ao inédito que pode vir. Alguém querendo algo para seu paciente: que o eu do psicótico tenha sucesso como comandante na conquista de seu espaço psíquico. O analista mostra que investe no paciente ao colocar-se como alguém que escuta o discurso do paciente como uma novidade, como fala de um outro-corporificado, fala singular que precisa ser valorizada na sua diferença, mesmo quando não compreendida, mesmo quando o próprio paciente duvida da autenticidade do interesse do analista.

Desejar escutar o paciente pode abrir a porta para uma relação de confiança, como diz Aulagnier, que traduzo por uma relação com o paciente onde o analista entra como sócio, aliando amor e análise, como seu capital empregado na reconstrução de fragmentos salvos da desconexão histórica e na construção de uma possibilidade de vida não-vivida.

Mantidas certas diferenças, a neurose pede coisa até semelhante...

Maurício Porto

Psicanalista, terapeuta na equipe d'A Casa Hospital Dia.